

## Resenha

### Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.

Paulo M. D'Ávila Filho\*

Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.

André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.)

Companhia das Letras

São Paulo: 2009, 443 p.

Em uma passagem do prefácio à *Ética*, Spinoza nos diz que “se alguém vê uma obra, não tendo nunca visto coisa semelhante, nem conhecendo o que seu artesão tem em mente, certamente não poderá saber se esta obra está perfeita ou imperfeita. Tal parece ter sido a primeira significação destes vocábulos. Mas, depois os homens começam a formar ideias universais e a inventar modelos de casas, de edifícios, de torres etc. e a preferir alguns modelos de coisas a outros, ocorreu que cada um chamou perfeito aquilo que via estar de acordo com a ideia universal que tinha formado deste tipo de coisa, e, ao contrário, chamou imperfeito àquilo que viu estar menos de acordo com o modelo que tinha concebido, embora, segundo o artesão, a obra estivesse plenamente acabada. [...] Vemos, assim, que os homens adquiriram o hábito de chamar as coisas naturais perfeitas ou imperfeitas mais por preconceito que por um verdadeiro conhecimento das mesmas”.

Assim parece com o nosso pensamento social brasileiro. Somos vulgarmente autoproclamados copiadores de ideias estrangeiras e, não satisfeitos, ainda nos dizemos copiadores incompetentes, pois nem a ideia, tal como ela se apresenta, somos capazes de reproduzir. Na verdade, seríamos como deturpadores de ideias ou inadvertidos fabricantes de “ideias piratas”. Seríamos falsificadores de ideias incapazes de perceber sua inadequação aos fatos ou à natureza de nossa terra. Seríamos, ao fim e ao cabo, cópias imperfeitas de um *logos* qualquer. Deste modo, forma-se uma imagem muito popular de que costumamos “esculhambar” as ideias alheias. Por conta disso, nossos liberais não seriam propriamente

---

\* Paulo D'Ávila Filho é doutor em Ciência Política pelo IUPERJ (2000). Atualmente é professor assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: Assimetrias Políticas e Democracia no Brasil, Teoria Política e Pensamento Político Brasileiro.

liberais, nossos desenvolvimentistas “welfarianos” não seriam assim tão “welfarianos” e nossos comunistas, então, até apartamentos em Ipanema possuem! A nossa síndrome de vira-latas, à qual se referia Nelson Rodrigues, ganha, neste assunto, adequada significação.

É bem verdade que já se disse que no Brasil as ideias estariam fora do lugar, como se existisse um lugar das ideias. Nesta chave, que sugere a precedência do *logos* sobre a práxis, elas existiriam *ex ante* a ação humana, devidamente guardadas em algum lugar à espera de quem as aplique corretamente, em seu sentido literal. Seriam as ideias em estado puro, depuradas das impurezas provenientes de seus usos e abusos ou, de outra parte, elas devem ou deveriam corresponder ao real, ao estado das coisas.

Já fomos severamente alertados para os perigos das importações de ideias estrangeiras que não se aplicariam ao Brasil, pelos mais variados e instigantes motivos, que vão desde a ausência, entre nós, de certas condições necessárias ao emprego de certas ideias em função de classes que aqui não se aperceberam de seu papel histórico, até o fato de sermos uma pálida réplica de uma metrópole que, na raiz, descolou-se da modernidade europeia. Ao mesmo tempo, fomos alertados de que o argumento inverso à impropriedade das ideias estrangeiras está frequentemente alicerçado na reificação de uma natureza social da qual emergem instituições adequadas. Certos desenhos do nosso tecido social corresponderiam, então, seja em bases científicas ou ensaísticas – para lembrar velhas polêmicas “sudestinas” – a um certo desenho institucional necessário.

Estas querelas fazem parte da história de como olhamos de forma diversa em momentos diferentes de leitura ou releitura dos nossos clássicos. Foi assim com a geração de 1930, interpretada pelos anos 1950 do ISEB de uma forma, e reinterpretados, de outra forma, pela escola sociológica paulista nos anos 1960. Hoje encontramos teses que sugerem um verdadeiro jogo de imagens ao ilustrar como podemos olhar para os anos 1970 que lia as interpretações feitas nos anos 60 e 50 sobre os anos 30. Já se disse, em inspiração algo hegeliana, que a história não ensina, pois em cada momento que se conta e reconta a história, cria-se uma nova história. A historiografia está repleta de exemplos nesta direção. No mínimo, a história é capaz de ensinar muitas coisas diferentes, a depender de quem a conta, quando conta e como conta, e de quem escuta. Daí o seu fascínio.

O livro *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*, organizado por André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz, que vem a público pela editora Companhia das Letras em bem amarrada edição, desperta a atenção pelas duas razões destacadas acima: transformar desconhecimento em familiaridade e apresentar as novas leituras da nossa tradição.

Em primeiro lugar, trata-se de uma bela abordagem de parte do pensamento social produzido no Brasil, cuja preocupação central parece se voltar para a sedução de um público mais amplo, cada vez mais curioso pelo nosso pouco conhecido universo do pensamento social, tão desprestigiado em outros tempos fora dos muros acadêmicos. Por essa razão, somos agraciados com textos curtos, de escrita leve, infensa aos academicismos reinantes entre os iniciados. Seu caráter convidativo, no entanto, não faz concessões à falta de rigor e densidade. A homogeneidade do padrão narrativo, em que pesem as diferenças estilísticas dos nossos qualificados 29 intérpretes dos intérpretes, sugere uma clara preocupação editorial dos organizadores e revela o objetivo primeiro da obra: apaixonar corações e mentes de jovens universitários em início de carreira e os curiosos não especializados em geral, permitindo uma inversão da máxima spinozista mencionada no início.

Ao leitor são fornecidas, em ordem cronológica, 29 leituras tanto de autores mais conhecidos, como Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes, que, juntos, formam um universo mais canônico em torno de nossas raízes intelectuais, quanto de nomes menos conhecidos do grande público, embora não menos importantes, como Visconde de Uruguai, André Rebouças, Manoel Bomfim e Guerreiro Ramos, entre outros. Destaca-se, ainda, o esforço de agregar trabalhos sobre autores mais recentes como Darcy Ribeiro, Raymundo Faoro, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, sem contar com a bem vinda introdução de um americano apaixonado pelo Brasil, muito obscuro para um público não especializado, mas muito importante na formação de uma interpretação a contrapelo sobre nossas raízes ibéricas, Richard Morse. Em um universo presidido por homens, não se pode deixar de notar, ainda, a delicada e oportuna introdução na coletânea de duas mulheres de significativa relevância na formação de nossas interpretações do Brasil: Maria Isaura Pereira de Queiroz e Gilda de Mello e Souza.

A seleção dos autores abordados guarda, desta forma, um conjunto de cuidados que se estendem pela diversidade de perspectivas interpretativas, pelas três áreas de interesse nas ciências sociais e pelas gerações, tanto dos intérpretes do Brasil quanto de seus comentadores. Diante destes cuidados e da grandiosidade da publicação, não cabe aqui apontar ausências, sempre inevitáveis nestes empreendimentos que exigem escolhas trágicas, mas uma não pode deixar de ser mencionada: Roberto DaMatta. Se o livro se preocupou em pautar nomes importantes mais recentes e se a ideia era apresentar

interpretações do Brasil, caberia incluir aquele que, mais do que abordar algum aspecto relevante da cultura brasileira, seguramente realizou em sua obra talvez o último grande esforço de se produzir uma síntese interpretativa de um Brasil.

A despeito desta marcante ausência, somos brindados com a riqueza, a qualidade e a contundência do pensamento social produzido no Brasil, que não se presta à interpretação da cópia, mas ao diálogo com o pensamento produzido, sobretudo na Europa, e recriado à luz das escolhas intelectuais de homens e mulheres embebidos de universos culturais, dinâmicas e hierarquias sociais e projetos políticos. Uma tradição plural e, antes de tudo, criativa, capaz de reinventar universos teóricos possíveis, profundamente comprometida com os desafios de interpretar os males nacionais ou as razões do que se convencionou chamar de *atraso brasileiro* a fim de produzir perspectivas projetivas de um país moderno, seja lá qual for o significado deste ‘moderno’ para as diferentes matrizes de pensamento.

Ao mesmo tempo em que nos vemos diante deste mosaico de múltiplas tonalidades, para os mais iniciados o livro permite vislumbrar o modo como olhamos para a tradição do pensamento social brasileiro hoje. O trabalho nos diz tanto sobre alguns destacados intérpretes do Brasil quanto sobre nossas interpretações destas interpretações. Como sugerem os organizadores, “Ainda que afinidades e continuidades entre intérpretes contemporâneos [...] possam ser buscadas, isso não altera a pluralidade constitutiva da tradição intelectual brasileira. Esta, em verdade, se assemelha mais a uma arena de conflitos interpretativos e de disputas sobre, ao fim e ao cabo, o que é o Brasil [...], as diferentes interpretações do Brasil também se tornaram, ao longo do tempo, como que matrizes de diferentes modos de sentir e pensar o país e de nele atuar. [...] não operam apenas em termos cognitivos, mas constituem também forças sociais que direta ou indiretamente contribuem para delimitar posições e conferir-lhes inteligibilidade em diferentes disputas de poder travadas na sociedade, as interpretações do Brasil existem e são relidas no presente” (p.13). Um presente também imerso em disputas de poder interpretativo, em sentido foucaultiano, pelas comunidades de discurso. A busca de respostas em torno do que faz do Brasil, Brasil é parte desta “fabricação” do Brasil. Por isto o Brasil não é, está sendo. Esta foi a tarefa dos nossos intérpretes e é, de certa forma, o exercício continuado pelos comentadores, os autores propriamente ditos do livro, verdadeiros inventores e reinventores da tradição. De uma tradição cuja interpretação está em disputa e faz parte do processo de invenção deste território, duro com os principiantes, chamado Brasil.